

Guerrilha informatizada: o uso da mídia pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional

José Gaspar Bisco Junior¹ - PPG-UFJF

*Nós zapatistas nos vemos como um sintoma de algo maior e mais geral que está acontecendo em todos os continentes, onde muitos dizem, ou gostariam de dizer “YA BASTA!”.
Subcomandante Marcos².*

O ano de 1994 foi marcante para a vida política e para a História do México. O surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional para os olhos do mundo gerou uma situação de desconforto para o governo Mexicano que procurava mostrar um país próspero e democrático. O colapso para a economia Mexicana causado naquele ano foi apenas o início de todo um processo envolvendo a população Mexicana.

Desde a revolução de 1910, os povos indígenas são ignorados pelos governantes mexicanos. A necessidade de terras e meios para que a população rural pudesse se sustentar foram negados ao longo de todos estes anos, e a marginalização desta classe da sociedade mexicana mostra-se evidente nos dias de hoje. Surge, portanto, dentro de um contexto extremamente desfavorável para os indígenas, o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Apoiado sobre a argumentação de que os povos indígenas deveriam ser respeitados, conseguiu aos poucos transformar o movimento local em um plano mexicano de melhoria da qualidade de vida da população dentro de um contexto democrático.

Por um lado, é surpreendente, como assinala Enrique Florescano, que: *“A falta de um projeto nacional que inclua as necessidades do mundo indígena venha desde a época dos liberais e dos conservadores. (...) Somente uma sociedade enferma se dá conta de seus severos problemas quando há pessoas mortas envolvidas.”*³

A partir do surgimento do grupo, diversos trabalhos foram feitos abordando a sua criação, a guerrilha em si ou o seu personagem principal: o enigmático Subcomandante Marcos.

A presença do grupo nas florestas e montanhas de Chiapas, o aparecimento arrasador através das armas, mas principalmente, o uso dos passa-montanhas encobrendo os rostos de seus integrantes surtiram efeitos diversificados não só na mídia mexicana, mas em todos os cantos do planeta. As figuras enigmáticas com os rostos cobertos nos apresentam um povo sem face para as leis de comércio vigentes, sem face para o abandono implantado durante todo o século XX, mas acima de tudo, um grupo guerrilheiro que tenta demonstrar uma união que é fundamental para as decisões. Vale ressaltar que Marcos, não passa de um subcomandante, e assim como todos, mantém seu rosto coberto. Isso significa que ele não é um comandante berrando ordens, mas um subcomandante, um canal para a vontade dos conselhos. As primeiras palavras que pronunciou em sua nova persona foram: “Através de mim fala a vontade do Exército Zapatista de Libertação Nacional.” Depois de subjugar a si mesmo, Marcos disse àqueles que o procuravam que ele não era um líder, e que sua máscara preta era um espelho, refletindo cada uma de suas lutas; que um zapatista é qualquer pessoa, em qualquer lugar que lute contra a injustiça: “Nós somos você”. A frase mais famosa foi dita a um repórter e apresentada no livro de Naomi Klein: “Marcos é gay em San Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, um chicano em San Ysidro, um anarquista na Espanha, um palestino em Israel, um maia nas ruas de San Cristobal, um judeu na Alemanha, um cigano na Polônia, um mohawk em Quebec, um pacifista na Bósnia, uma mulher solteira no metrô às dez da noite, um camponês sem terra, um membro de gangue nas favelas, um trabalhador desempregado, um estudante infeliz e, é claro, um zapatista nas montanhas.”⁴

Desde seu surgimento, o movimento preserva uma característica: a divulgação mundial. A presença marcante de texto informativos na internet fez do movimento não apenas um fato local, mas uma situação que é estudada por diversos sociólogos e historiadores do resto do mundo. Em breves palavras, o discurso zapatista parece buscar um interlocutor múltiplo e dirigir-se, alternativa ou simultaneamente, a uma grande quantidade de públicos, potencialmente atores. O fato mesmo de se denominarem de zapatistas e de revolucionários é, por si, uma mensagem a todos os camponeses e a todos mexicanos, visto que, no subconsciente coletivo e na educação sentimental dos mexicanos, todos se sentem “zapatistas”

e são “revolucionários”. O discurso não se descuida do interlocutor mais longínquo – o índio – nem das forças progressistas do mundo, nem dos jornalistas e dos meios de comunicação do México e dos outros países, nem dos intelectuais, por mais sofisticados que estes sejam. Àqueles, fala-se em seu próprio idioma e nele escuta-se, e a estes, enviam-se mensagens com citações em inglês e até em francês, e com correções na pronúncia do castelhano e convites ao bem falar e escrever do que eles mesmos dão provas.

Os zapatistas mostram que dominam dialetos, línguas e expressões. O discurso de comunicação múltipla, ou o enfocado ou “focalizado” em público especial, aumentam sua capacidade persuasiva com o manejo multidimensional da razão, do entendimento e do juízo e com a expressão das formas de pensar em estilos que não são pomposos nem contudentes.

Mas do que é feito o Zapatismo? A partir de qual momento o grupo deixa de utilizar a luta armada e passa a se diluir no campo extremamente complexo e frutífero das novas tecnologias de comunicação em massa? Como diria o Michel Löwy: “é movimento portador de magia, mitos e utopia; de poesia, romantismo e esperanças loucas”.⁵

Como o próprio Löwy salientou, o zapatismo seria como um tapete tecido com fios de diferentes cores, antigos e novos. O primeiro fio, a primeira tradição é o guevarismo, o marxismo na sua forma revolucionária latino-americana. O primeiro núcleo do EZLN era *guevarista*. É claro, a evolução do movimento o conduziu para muito longe desta origem, mas a insurreição de janeiro de 1994, bem como o próprio espírito do Exército Zapatista guarda alguma coisa desta herança: a importância da luta armada, a ligação orgânica entre os combatentes e o campesinato, o fuzil como expressão material da desconfiança dos explorados frente a seus opressores, a disposição a arriscar sua vida pela emancipação de seus irmãos. Estamos longe da aventura boliviana de 1967, mas perto da ética revolucionária tal como o Che a encarnava.

O segundo fio, o mais direto sem dúvida, é evidentemente a herança de *Emiliano Zapata*. É simultaneamente a sublevação dos camponeses e índios, o Exército do Sul como exército de massas, a luta intransigente contra os poderosos que não pretende se apoderar do poder, o programa agrário de redistribuição das terras, a organização comunitária da vida camponesa

(aquilo de Adolfo Gilly chamou “a comuna de Morelos”⁶). Mas é também Zapata o internacionalista, que saldou, numa célebre carta de fevereiro de 1918, a Revolução Russa, insistindo sobre “a visível analogia, o paralelismo evidente, a absoluta paridade” entre aquela e a revolução agrária no México: “uma e outra são dirigidas contra o que Tolstoi chamava ‘o grande crime’, contra a infame usurpação da terra, que, sendo propriedade de todos, como o fogo e o ar, foi monopolizada por alguns poderosos, sustentados pela força dos exércitos e pelas iniquidades das leis”.

A teologia da libertação é um fio do qual os zapatistas não falam muito. Entretanto, sem o trabalho de conscientização das comunidades indígenas, e a auto-organização visando lutar por seus direitos, promovido por Monsenhor Ruiz e seus meios catequistas, depois dos anos 70, é difícil imaginar que o movimento zapatista teria tido tal impacto em Chiapas. Claro, este trabalho não tinha vocação revolucionária e recusava toda ação violenta. A dinâmica do EZLN seria bem diferente. Mas isso não impede que, na base, nas comunidades indígenas, muitos zapatistas -- e não os menores -- tenham sido formados pela teologia da libertação, por uma fé religiosa que escolheu o engajamento pela auto-emancipação dos pobres.

Depois de 1968 — que no México terminou com o sacrifício de Tlatelolco —, os líderes estudantis que sobreviveram ao massacre seguiram muitos caminhos: uns ingressaram no sistema, ou o sistema os cooptou; outros organizaram movimentos sociais urbanos e bairros populares; outros contribuíram para formar partidos políticos, como o PRD (Partido da Revolução Democrática), o maior partido de esquerda da história do México; outros ajudaram a formar movimentos camponeses ou foram participar das guerrilhas de Sonora, Chihuahua, Guerrero. Na ideologia dos antigos estudantes, havia um elemento comum: lutar por uma democracia em que o povo trabalhador e explorado tomasse as decisões por si mesmo, e pelo fim do sistema repressivo, autoritário e excludente vigente no México.

Em Chiapas, em meados dos anos 70, os antigos sobreviventes de 1968 começaram a chegar. Integraram-se nas organizações populares, “ajudando-as a organizarem-se e a adquirirem uma maior consciência para levar adiante suas lutas”. É a partir desta interação entre membros sobreviventes de 68 e as organizações indígenas que surge o EZLN.

Quando do surgimento, em 1994, o grupo apresentava-se com armas, o que os levou a mudar esta tática? Certo que os plebiscitos, que salientaram a opinião da população mexicana de forma contrária a luta armada, foram de extrema importância. Mas, quando o EZLN começa a interagir diretamente com os meios televisivos e a internet, seu campo de atuação acentua-se de forma a modificar totalmente o cenário da guerrilha. O grupo se organiza e de forma muito eficiente consegue transmitir aos diversos lugares o dia a dia, a postura, as declarações, dificuldades e vitórias e, além disso, começam a enfatizar a importância da divulgação da cultura indígena Maia. É através de vários interlocutores, sejam eles comandantes, subcomandante ou qualquer membro do grupo, que podemos adentrar nesta atmosfera de luta sim, porém recheada de magia e esperança dos povos indígenas de Chiapas.

Ao analisarmos as diversas formas de interação do Exército através dos meios de comunicação podemos dar uma grande ênfase ao uso da internet. Revolucionária por si só, responsável por uma maior liberdade de expressão das pessoas contra as grandes corporações, a internet abriu um leque de possibilidades até então inacessível quando se pensa no espaço da televisão. É através do site oficial e diversos outros que juntos, montam uma rede de comunicação, que uma pessoa de qualquer lugar do planeta consegue não só ficar sabendo das novidades, mas também interagir com o grupo. A internet desta forma, não serve apenas como tablóide de noticiários diários, ela apresenta sim, possibilidades de discussão, um campo de crescimento e diálogo capaz de captação de apoio político, financeiro e moral.

A Rádio Insurgente transmite diretamente da Selva Lacandona e presenteia o ouvinte com músicas dos próprios indígenas de Chiapas. Dentro de seu site é possível ter acesso às letras e comprar os discos. Isso soa estranho se pararmos para pensar que estamos falando de um grupo guerrilheiro. Entretanto falamos de um grupo que usa das armas de divulgação dentro de um meio capitalista como forma de extravasar sua voz.

Essa voz, que antes se mostrara abafada, toma ressonância através das páginas da grande rede, dos versos das músicas, nos livros publicados em todos os lugares do planeta e inclusive nos contos infantis. Através de personagens destinados às crianças, Marcos

consegue levar não só as necessidades e dificuldades dos povos indígenas, mas também, apresentar a cultura dos antepassados Maias e seus contos sobre a criação, elementos e relações dos homens. Essa interação com as crianças mostrou-se presente inclusive na caravana que o EZLN fez em protesto até Cidade do México. Conhecida pela mídia como ZAPATUR, a caravana teve início em San Cristobal de las Casas e foi liderada e conduzida pelo conselho de 24 comandantes zapatistas, em uniforme completo e máscaras (embora sem armas), inclusive o próprio subcomandante Marcos. Durante esta caravana, várias cidades foram percorridas e em cada uma, o grupo conduzia a palavra através de declarações. As crianças não eram esquecidas, e através de Dom Durito de Lacandona (pilhas inclusas) tomavam conhecimento dos fatos ocorridos com os povos indígenas. Dom Durito não passa de um personagem imaginário, um besouro de brinquedo, que através da voz de Marcos ganha vida e povoa o pensamento das crianças, e mais do que isso, penetra e conduz um fio de esperança na juventude que irá conduzir uma mudança lenta, porém permanente.

Esta postura inovadora mostra-se como uma alternativa de combate às grandes corporações em pró da reforma agrária e melhoria para o povo do campo. Entretanto é cedo para falarmos sobre possibilidades. O que se pode salientar é o quão importante a postura do grupo representa, não apenas para o movimento em Chiapas, mas para toda a população, no que concerne a uma visão as avessas, uma visão que necessariamente não é representada pelas grandes empresas da mídia, e mais do que isso, não se estagne na captação de dados jornalísticos, mas produz uma visão, uma história, um pensamento e um sentimento.

¹ Mestrando em história pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

² *Atenção*, ano 2, n. 8, São Paulo, Página Aberta, 1966, p.41

³ FLORESCANO, Enrique. *Etnia, Estado e Nação*. Editora Aguilar. 1996

⁴ KLEIN, Naomi. *Cercas e Janelas, Na linha de frente do debate sobre globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

⁵ LOWY, Michel. *Michel Löwy procura explicar o zapatismo*. Disponível em:

<http://www.inf.furb.br/~massao/zapatistas.htm>. Acesso em 16 de outubro de 2002 – retirado do jornal “Em tempo” – emtempo@ax.apc.org.

⁶ GILLY, Adolfo. *The Mexican Revolution*. Chicago: NLB, 1983.